

Rita Furtado

ARQUIVO



O rádio foi o seu maior cabo eleitoral. E deputada em segundo mandato, com atuação voltada para a área da Amazônia

Rita Isabel Gomes Furtado (PFL-RO), 42 anos, foi reeleita deputada pela penetração que obteve na Amazônia através de programas de rádio elaborados pela Rádio Nacional. Natural de Campos (RJ), radialista, é esposa do secretário-geral do ministério das Comunicações, Rômulo Vilar Furtado, com quem tem duas filhas.

Na Rádio Nacional, na década de 70, ela dirigia a Programação da Amazônia, destinada a atingir áreas inóspitas do interior brasileiro, com informações, lazer e orientações gerais. Foi assim que se tornou conhecida do eleitorado de Rondônia, que já indicou seu nome para a Câmara dos Deputados duas vezes.

E considerada politicamente como de linha conservadora, tendendo à direita, embora seja normalmente discreta no seu comportamento. Eleita pela primeira vez pela legenda do PDS, Rita Furtado integrou a bancada malufista na Câmara, mas posteriormente passou a apoiar a candidatura de Tancredo Neves.

Com a reforma partidária, deixou a legenda do PDS, ingressando no PFL. A Sinopse da Câmara registra em seu nome dois projetos: um criando a Faculdade de Agronomia em Cacoal, município do Estado de Rondônia, e outro autorizando o Poder Executivo, através da Polícia Federal, a criar Delegacias de Defesa das Mulheres.

Maria de Lourdes

GILBERTO ALVES



Primeira mulher a administrar uma cidade-satélite, chega à Câmara com uma grande votação e propostas sociais

Maria de Lourdes Abadia Bastos (PFL-DF), 42 anos, chegou em Brasília com 15 anos, em 1960, procedente de Bela Vista, uma pequena cidade do interior goiano.

O seu primeiro emprego foi na Folha de S. Paulo, onde cuidava de pequenos serviços de escritório, além de ajudar na livraria do então diretor do jornal, Cláudio Colletti, próxima à redação.

Explica sua opção profissional em função da experiência da própria família: "Eramos favelados, não tínhamos água encanada, luz, enfim, passamos por tudo que outras famílias carentes passam". Em 1971 formou-se assistente social pela UnB, passando imediatamente a trabalhar para a Fundação do Serviço Social na CEI — Campanha de Erradicação de Invasões — que deu origem à Ceilândia.

A Administração Regional da Ceilândia foi en-

tregue a Maria de Lourdes, e isso não foi propriamente um prêmio — a cidade era considerada uma das mais violentas do DF. Foi das mais votadas nas primeiras eleições do Distrito Federal. Os 14 anos de trabalho na Ceilândia são a credencial que apresentou na campanha, e seu currículo poderá lhe valer a presidência da Comissão de Previdência e Assistência Social da Câmara, cargo que pleiteia abertamente e que tem chances de conseguir.

Divorciada, sem filhos, dedica todas as suas energias à Constituinte. Distribuição justa da renda nacional, salário mínimo que permita vida digna ao trabalhador e modernização do sistema de atendimento ao aposentado ou pensionista do governo são as bandeiras de Maria de Lourdes, que não se considera uma pessoa de esquerda, mas acha que é possível haver justiça social.

Tutu Quadros

GIVALDO BARBOSA



Filha de Jânio, trocou o PSC pelo PTB, depois de aleita, e promete não se tornar uma figura apagada

Dirce "Tutu" Quadros (PTB-SP), 42 anos, tem tudo para ser uma das constituintes mais badaladas. Filha única do ex-presidente Jânio Quadros, embora nem sempre esteja se relacionando bem com o pai, parece ter herdado o histrionismo que lhe é tão peculiar: candidata contra a vontade paterna (não se sabe se sinceramente) pela legenda do Partido Social Cristão (PSC), sob os auspícios do ex-deputado Herbert Levy, ela se elegeu com 34.228 votos e logo bandeou-se para o PTB, baluarte das tradições janinistas. Diz-se antimalufista e até protagonizou um início de escândalo ao cobrar publicamente o desvio de Cz\$ 2 milhões da campanha do seu pai para a prefeitura de São Paulo. Bióloga, doutora em Citologia, residiu durante quatro anos (70 a 74) nos EUA, trabalhando como pesquisadora na

NASA (National Aeronautics and Space Administration). Já assessorou o PDS no tempo em que o então senador José Sarney presidia a legenda. "Tutu", como é carinhosamente chamada pelos íntimos, defende a propriedade privada, é simpática à implantação do parlamentarismo e contrária à reserva de mercado. Desenvolta, por causa da influência ainda desfrutada por seu pai, não será figura apagada nos bastidores da Constituinte. Seus amigos, porém, garantem que "Tutu" tem luz própria. Estudante do tradicional Slon, casou-se sábado passado, pela terceira vez, com Marco Antonio Mastrobuone, até recentemente secretário de Planejamento do seu pai na prefeitura de São Paulo. Tem seis filhos e um cachorrinho de estimação chamado Totó, com quem já confessou conversar frequentemente.